



O Gaiato



Quinzenário • 17 de Outubro de 1992 • Ano XLIX — N.º 1268 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notícias de paz

Júlio Mendes paginou e deixou-me esta estreita coluna que lembra a dos Editoriais da dita grande Imprensa. E foi Padre Horácio quem me sugeriu que a usasse para exprimir o nosso contentamento pelas notícias de paz referentes a Moçambique e de esperança relativamente a Angola.

Na verdade estes dias têm sido dominados pelos acontecimentos que primariamente afectam estes dois Povos com os quais nunca cessou a nossa solidariedade, agora de novo comprometida na presença da Obra da Rua em Malanje, Benguela e Maputo. Como cidadãos do mundo e, a fortiori, como portugueses, era razoável que assim fosse — e, decerto, assim foi na maioria do nosso Povo. Mas acresce a nossa condição de obreiros de uma Obra motivada pelos e para os mais pobres, os mais abandonados, que por isso mesmo decidiu o seu regresso a África logo que as portas se nos abriram, apesar do sacrifício humano que tal importa e só Deus sabe e dos riscos que pomos em Sua mão.

Em Maputo a acção já notável — e graças a Deus notada — da nossa pequenina comunidade dependia da paz para poder desenvolver-se na sua linha tradicional de um amplo acolhimento ao rapaz sem eira nem

Continua na página 4



A casa-mãe da Casa do Gaiato de Benguela

ÁFRICA

BENGUELA

Hora dos que amam Angola

QUANDO os leitores pousarem seus olhos nestas linhas, já foram as eleições em Angola. Que momento este! Estamos a acompanhar o percurso eleitoral com interesse igual ao da Pátria que nos serviu de berço.

Os responsáveis saídos das eleições têm diante de si o caos para ser ordenado. Só com humildade, só com muita humildade chegarão à

fonte da sabedoria que os fará escolher o que é melhor para o seu povo.

Ninguém possui sozinho a varinha mágica com as melhores soluções. Estas não-de vir da união de esforços dos mais capazes, sejam de que quadrante forem.

Está à porta a hora dos que amam Angola em verdade. Se governar é servir, então só com espírito de serviço é possível encontrar o caminho

certo da libertação do povo de Angola.

Em momentos como este, a tentação de fazer muito, ou tudo de qualquer maneira, é das mais aliciantes. Que perigosa ela é e deu tão trágicas consequências! Esta tentação tanto pode ser alimentada de fora como do interior dos próprios governantes.

Continua na página 3

A FOME NO MUNDO

Ameaça dezoito milhões de pessoas

HOJE, a Igreja convida a meditar e proclamar: «Recordamos a bondade do Senhor que se compadeceu do povo faminto e realizou prodígios em seu favor». Todos os dias, os órgãos de comunicação social alertam para que tomemos consciência da multidão de irmãos que morrem de fome. Na Somália, diariamente, são duas mil pessoas; neste mesmo país há 3,5 milhões de pessoas famintas. No sul da Ásia morrerão, nos próximos dez anos, vinte milhões de crianças.

A FAO e OMS apresentaram um relatório alarmante: «O problema da fome é particularmente grave na África subsariana, onde as possibilidades alimentares caíram para um nível crítico. Cerca de 18 milhões de pessoas estão em perigo de vida e devem ser ajudados com toda a urgência até ao fim do ano».

Quarenta mil crianças, antes dos cinco anos, morrem diariamente em todo o mundo. Somália, Etiópia, Uganda e Moçambique são os países mais atingidos.

Moçambique é considerado como um dos que mais se debatem com centenas de mortes. Há dois milhões e meio de moçambicanos subnutridos. Duzentos mil fogem à guerra e à fome.

«Não posso esquecer o que os meus olhos viram!»

Foi este grito de aflição que ouvimos dos lábios e saíu do coração da Enviada da ONU às nações mais famintas.

Aquela senhora contactou com a verdade. Viu muitos milhões de seres humanos depauperados, por falta de alimento, de água e remédios.

Os nossos Padres, de Moçambique e Angola, também vão dando testemunho das carências dos povos, tão nossos vizinhos. Mais que vizinhos, são dois povos irmãos. Padre Telmo queixa-se que, em Angola, «o difícil é fazer chegar. Se, ao lado das organizações cristãs, e outras, empenhadas com a fome, surgisse uma organização especializada no fazer chegar...» Padre José Maria faz a mesma queixa da distribuição em Moçambique.

Continua na página 3

O Calvário é um poiso para reflexão

HOJE, ninguém dispõe de tempo para reflectir. O homem moderno vive em azáfama constante. Mas também o não deixam pensar. Tudo lhe vem parar à mente, já elaborado e pronto a consumir, quer no campo da cultura, dos negócios, da política, dos tempos de lazer. Os mass-media encarregam-se disso. Basta, pois, consumir, que os produtos já estão preparados. Raramente o homem dá consigo a pensar, a raciocinar, a criar as suas próprias ideias. Muito poucos se dão ao trabalho de fazer juízos

sobre as coisas, os acontecimentos, a vida humana. O Calvário é um lugar onde aqueles que nele entram dão consigo a pensar.

A conjugação de forças tão débeis capaz de fazer funcionar uma instituição

Este casal de médicos vem do Porto, observa tudo — o ser e o agir desta Casa. É uma revelação para eles verificar que a conjugação de forças, tão

débeis embora, é capaz de fazer funcionar uma instituição. E regressa ao Porto em silêncio — dizem-me mais tarde.

Uma assistente social também entra curiosa pela porta dentro. Prolonga a visita. Os passos apressados do início vão-se tornando mais lentos e meditativos.

— Sabe?, disse-me à despedida, isto é um local singular para nele se fazer um Retiro.

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

HABITAÇÃO — Avançamos na reparação doutra moradia, do Património dos Pobres, com o critério de sempre: serviço nos fins-de-semana, por quem respeita o destino da obra — sem alcavalas. Forma idêntica à dos Autoconstrutores.

À laia de parêntesis: Baixou, sensivelmente, o ritmo da Autoconstrução! Talvez por duas razões: falta de terrenos loteados, a preços convidativos; e/ou empréstimos verdadeiramente insuportáveis para os humildes trabalhadores.

Está provado que Estado *come* metade do valor, na construção duma habitação! No pós-guerra, por exemplo, que seria da França se não tivesse lançado um plano com taxas de juro suportáveis?!

A filosofia que ora enforma o sector (para alívio do Estado?) é mais pela *habitação própria* do que pela *habitação social*! Esta modalidade, de grandes aglomerados de torres de betão, nas áreas urbanas e suburbanas, não é a mais proveitosa. As concentrações, a *segregação*, prejudicam a integração no meio. Pior: motivam a continuação dos maus hábitos vividos ou adquiridos nos bairros de lata...! Por isso, há que repensar os monumentais *aquartelamentos*, optando por pequenos lotes, mais familiares, ainda que mais onerosos, em diferentes lugares. Os Pobres, por que pobres, também são filhos de Deus!

A verdade, porém, é que há largos estratos da população cujos rendimentos mal dão para um aluguer..., quanto mais para comprar ou construir uma casa! Em relação a esta gente, as entidades oficiais não podem, nem devem, meter a cabeça na areia, já que no parecer dos técnicos são precisos 600.000 fogos em todo o País! A maior parte, como é óbvio, para famílias pobres.

Nos próximos meses teremos outro ninho reconstruído, para melhor aconchego dos utentes do Património dos Pobres. Isso agrada a Pai Américo, que pós neste movimento toda a sua alma e coração; projectando desses *santuários*, naquele tempo, o Fogo que abrasou tanta gente a erguer centenas, milhares de casas por todo o País — destruindo barracas.

Curiosamente, recebemos a visita dum velho Amigo, assinante d'O GAIATO. Com os olhos marejados; deixa um pouco das suas economias — «*Eu tenho o suficiente!*», disse — para a sobredita reparação, em memória da esposa que o Senhor levou. Foi uma hora de Deus!

PARTILHA — Assinante 11902, do Fundão: «*A minha mesada, do mês corrente, com a distribuição habitual*». Assinante 9811, da Maia: «*Mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus pela passagem de mais um ano que o Senhor me deu (são 81), destinados a um Pobre mais envergonhado*». Parabéns!

Mais dez mil, duma assinante algarvia: «*Como sempre, peço rigoroso anonimato*». Almas grandes! O costume do assinante 17258. Cinco mil, de Noémia, por intermédio da Casa do Gaiato de Lisboa. Metade, da assinante 26152, da Foz do Douro, «*para uma senhora idosa e só*».

Pelas CASAS DO GAIATO

BENGUELA

Tivemos o gosto de receber a visita da assinante 28740, de Pardelhas (Murtosa), lembrando a conveniência de publicarmos, e confirmarmos, a sua entrega dum óbulo — deixado por alguém já na terra da Verdade — que foi distribuído por vários sectores.

Trinta mil, do assinante 17844, precioso servo da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Destina o cheque à «*Conferência de Paço de Sousa, cuja acção acompanho sempre com interesse*». Somos «*oficiais do mesmo officio!*» Presença saborosa, pela amizade e pelo estímulo. Deus lhe pague.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte Convocatória

Nos termos dos Estatutos convoco todos os associados a reunirem no dia 24 de Outubro/92, às 14 horas, na sede da Associação, sita à Rua D. João IV, 682, Porto, com a seguinte ordem de trabalhos: *Assuntos de interesse para a Associação*.

José Lemos

Cooperativa de Habitação

ESTÁ próximo o dia da grande festa para alguns casais de antigos gaiatos e seus filhos. Escolhemos o 25 de Outubro já que o dia 23 (data do nascimento de Pai Américo) é sexta-feira e todos estamos a trabalhar.

O programa é curto e simples: 10, 30 h — Celebração Eucarística, em Vales; 11, 30 h — Entrega das chaves das habitações.

Na impossibilidade de o fazermos individualmente, convidamos todos os amigos que nos acompanharam, desde os primeiros passos, para estarem presentes. Queremos que sintam connosco a alegria que transborda dos nossos corações.

Damos graças a Deus por nos ter ajudado a levar esta tarefa até ao fim; e, assim, mais uma vez, poderemos mostrar aos portugueses que o lema da Obra da Rua — *De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes* — continua presente, segundo o desejo do seu Fundador.

Carlos Gonçalves

LAVOURA

O nosso tomatal está prestes a dar tomates. Dentro em breve haverá muitos para comer e para vender.

A cebola está viçosa. Agora, é só regá-la para crescer e dar boa produção.

Acabámos de plantar cerca de quatro hectares de batata doce. Chegará para comer, vender e dar aos mais pobres.

AVIÁRIO — Já temos dez patos e a respectiva pata. Uma outra, permanece serena, a chocar. Esperemos que nasçam e cresçam todos bem. Mais ao lado é uma barafunda de coelhos prontos a fazer criação. Os patos e as coelhas foram das Irmãs Dominicanas que nos têm ajudado muito. Aqui vai o nosso obrigado.

OBRAS — Continuam na casa-mãe. Agora, os últimos retoques. Brevemente será habitada. Têm dado que fazer aos pedreiros, que andam à procura de tubos entupidos.

ESCOLAS — Começou o ano lectivo para o João e o Ricardo, muito atarefados com os livros; mas também têm que levar um banco para não ficarem sentados no chão. Futuramente, esperamos que as escolas tenham melhores condições. Precisa tudo de mudar, principalmente no caminho da paz.

CONTENTORES — Nos próximos dias receberemos os ansiados contentores com muitas coisas úteis para o nosso dia-a-dia. Esperamos que cheguem

nas condições em que os vimos em Portugal, pois tiveram um caminho muito difícil...

Um grande abraço para todos os que lerem estas minhas notícias.

Benjamim

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Corre lentamente, com o esforço dum pequeno grupo: Augusto, Mondegó, Rolando, Arménio, etc. São visíveis as grandes dornas atacadas de uvas. Por enquanto, brancas.

FRUTA — Por ordem do nosso Padre Horácio, a colheita da fruta foi rápida. Temos comido dela à sobremesa; e, ao pequeno-almoço, doce de maçã feito pelos nossos cozinheiros, António Henriques e Patinhas.

GARAGEM — Está a sofrer modificações. O portão velho foi retirado e substituído por um novo, muito bom, feito pelos nossos serralheiros.

OFERTAS — Estamos a comer iogurtes da marca «Crème Desert». Agradecemos à fábrica que no-los ofereceu.

Recebemos também, dos mealhinhos «Os Amigos da Lapa», 50.200\$00. Muito obrigado.

CARAS NOVAS — Chegaram, a nossa Casa, mais dois rapazes pequenos: o Cardoso e o Pedro Garcia.

Como sempre, esperamos que gostem da nova família.

«Vitinho»

MUDANÇAS — Todos os anos, os gaiatos mudam de trabalho, para conhecerem todos eles.

Escutemos uma pequena conversa:

— Para onde é que eu vou?
— Vais ficar na lenha!
— Oh! Não! Mais outro ano?!
— Pois, tens que ficar, porque és preciso!...

Uns contentes, outros tristes porque permanecem nos mesmos serviços. Esperemos que, este ano, corra tudo bem.

OUTONO — Uma estação do ano, de que muita gente não gosta!

Os miúdos da lenha são os que têm mais que fazer! Folhas que caem e vagueiam nos passeios e avenidas, depois são eles que têm de as varrer. Isso todos os dias.

Os nossos visitantes, quando vierem cá, não se admirem com as folhas no chão.

ÁFRICA — Dedico estas palavras aos meus irmãos que estão nas Casas do Gaiato de Malanje, Benguela e Maputo.

É com muita felicidade, paz e harmonia que vos saúdo numa

profunda amizade — que une a nossa Família tão grande.

Como estão? E os nossos Padres?

Espero que tudo corra da melhor maneira. Por cá vai tudo bem, mas sempre pensando nas vossas dificuldades.

Parece que as sementes que lançaram, já estão a florir. Isso é bom para cimentar a união e as ajudas entre nós todos.

Que nada vos falte. Deus ajuda a quem precisa e a quem dá aos mais necessitados. Neste caso, os Pobres.

Um grande abraço do vosso irmão,

Repórter x

Notícias de Moçambique

BAPTISMO — Desta vez não foram dos nossos rapazes, mas três «mamanas» da nossa Aldeia. Já com idades avançadas, quizeram receber o Santo Baptismo.

A alegria brotava nos seus rostos! Era um renascer para a vida nova. Pela primeira vez, depois de tantos anos, puderam rezar o Pai Nosso por direito próprio. As «mamanas» tornaram-se filhas de Deus: Amélia, Helena e a Rosalina.

ANIVERSÁRIOS — Numa família numerosa, os aniversários estão sempre a espregitar. Desta vez quem esperou pelo bolito, a velinha e o brinquedo foi o Joãozinho. Parabéns e muitos anos de alegria.

A NOSSA CASA — Com a conclusão das obras do 2.º pavilhão, ampliamos um pouco o nosso espaço. Tem duas salas e um banheiro. Uma, para «escolinha» das crianças da Aldeia; a outra, para camarata. Aliviámos as duas existentes que estavam atulhadas. Vamos aguardar um contentor que traga as necessárias camas e colchões.

ESCOLA — Continuamos sem condições para dar aulas. Mas, felizmente, já começaram as obras de recuperação de três salas, para este fim. Aguardamos, impacientes. Os pequenos não têm hábitos escolares. Às vezes, dormem na escola e não fazem os deveres de casa. Falam muito o dialecto e acabam por desaprender o português. Estamos certos que, gradualmente, consigamos motivá-los à necessidade de aprenderem...

Não podemos omitir alguns que estão a dar frutos: Rui Miguel, Virol, Antoninho, José e outros.

COZINHA — Agora, quem assume a cozinha é o Ananias. Tem apenas 15 anos. Não tem mãos a medir! Levanta-se às

cinco horas da manhã para adiantar a lida. No começo torrou algumas panelas de arroz. Aperfeiçoou-se. Já consegue dar conta de quase tudo sem ouvir reclamações. Ele é uma prova de que conseguimos formar homens capazes de assumir uma profissão.

A NOSSA FAMÍLIA — «Chegou o Marcelino... Veio sozinho no *chapa cem*». Parece ser inteligente, mas não é muito bom de boca: começou por rejeitar o jantar, depois o pequeno-almoço e ainda continua. Mas, aqui em Casa, tudo se come... E comeu!...

Entretanto, o Carlitos resolveu sair da nossa família. Esperamos que tome consciência do acto e volte para o seu lar.

VISITAS — Recebemos as habituais, com alegria. Tem vindo um Padre italiano, de Mafiane, trazer alguns brinquedos. O Pároco da Matola, espanhol, que nos visita com frequência, está a ajudar-nos num projecto que será apoiado pela Espanha. Esperamos resposta positiva. Veio o Administrador de Boane, que nos dá um apoio «incansável». O irmão António também e trouxe com ele o seu irmão, o Padre Pequito, Missionário da Consolata, que partiu no dia seguinte para a Tanzania, em Missão. Por último, a visita da sr.ª Maria Socorro e sua família. Ela trabalha na Embaixada do Brasil. Trouxeram um saquinho de bombons para cada um.

Carlos Roda

ANTIGO GAIATO — Tudo levou tempo. Tempo para a intenção da Paz!

E é assim que, hoje, os homens querendo achar o caminho que os levará à confiança de um futuro melhor em Moçambique, atribuam maior importância à tarefa da criança da Rua, a Casa do Gaiato. Não é preciso explicar a responsabilidade que ela tem por isso.

Como antigo gaiato, sou produto da Obra da Rua. Estes factores despertaram-me o interesse de estar presente no seu desenvolvimento. Tal vai a vida que cada um assume no seu quotidiano, que não posso deixar de agradecer à nossa Obra e ao povo português o seu apoio. A presente tarefa talvez seja mais difícil do que a primeira vez.

O Padre José Maria, incansável; a irmã Quitéria, o Tio Carlos, os rapazes, a Casa do Gaiato com o seu ritmo, ardor, trabalho e amor transformaram aquela desesperada aldeia em aldeia de esperança, que alguém jamais pudesse imaginar.

Isto só é possível quando Deus transforma o homem.

Hoje, a Casa do Gaiato espera a vossa ajuda, pois o problema da criança da Rua é universal.

Carlos Alberto da Silva («Skol»)

MASSACA — Enquanto um quilo de farinha custa 1.400,00 Mt, um litro de bebida tradicional custa 1.000,00 Mt, e chega para deixar uma família inteira inconsciente por alguns dias.

Eram 7.30 h e lá ia a D. Eloísa, bêbeda, a cantar pelas estradas. Perguntei a um grupo de trabalhadores o que teria. A rir, disseram: — É o «*tontonte*». Perguntei, também, quem a conhecia. O chefe respondeu: «Este é o seu filho». Desesperado, o moço baixou a cabeça. Quase entendi tudo. É a fome.

Temos catorze grupos de trabalho. Pessoas que receberam



ÁFRICA

BENGUELA

Continuação da página 1

O Povo tem o direito de estar sempre em primeiro lugar. Não faltarão meios materiais para serem investidos em ordem ao desenvolvimento económico. A sabedoria dos governantes tem aqui a sua prova de fogo.

A riqueza de Angola não serviu o Povo até este momento. Foi sempre marginalizado e sofrido. Irá, agora, mais uma vez, sentar-se no chão para comer as migalhas do pão do desenvolvimento económico? Oh, Deus permita que não! Que os eleitos saibam, ao menos nesta hora histórica, ser dignos de servir a Nação que os escolheu.

A Obra da Rua, com as suas Casas do Gaiato e a riqueza de dons com que Deus a dotou, sente-se comprometida desde o princípio com o caminho de libertação dos filhos de Angola. Que hora esta!

Na chegada dos contentores, ao fim de quase quatro meses, já vemos o final das primeiras obras de recuperação da casa-mãe. Faltavam as torneiras, os sifões, mais os empanques e outros acessórios que não existiam no mercado. Acabaram-se, de momento, algumas aflições. Começamos a ficar impacientes com a demora no acolhimento dos primeiros vinte. Sabemos que quanto mais tempo estiverem fora de nossas portas o sofrimento continua a ser maior. Quem me dera, no próximo O GAIATO, dar a notícia alegre de que se cumpriu mais um acto de justiça!

A vida sem comunhão não tem sentido

O Paulo e a esposa mais um filho vieram passar conosco quase toda a tarde de sábado. Tinham anunciado a visita como se se tratasse de negócio importante. E era. Trouxeram um maço de

algum apoio da Cáritas e conseguem viver melhor e ter lucro por aquilo que fazem. Alguns até nos surpreendem pela coragem e interesse; outros, custam-nos muito... Aham que temos os olhos fechados e somos obrigados a aceitar as malandricas.

Ficámos surpresos com a atitude do grupo da costura. Desviavam a roupa! Lembrei aquela passagem de Jesus, no Templo: «A casa do Meu Pai não é um covil de ladrões». Apetecia-me dizer: nesta Obra não há lugar para quem rouba. Diante de tal acontecimento, o que fazer? É hora de fé. Acreditar nos Outros. Nunca perder o ânimo. Diante das dificuldades, buscar soluções.

Irmã Quitéria Torres

notas de 5.000. São os filhos mais velhos a darem largas à gratidão que os consome para com a Casa que lhes serviu de berço. Se não vivessem do seu trabalho honesto, por certo não teriam vindo. Sabem quanto custa a vida. Sabem o que passam para levar em frente a sua casa e a educação dos filhos. Apreciam, deste modo, quanto foi feito por eles. Querem participar, agora, na reconstrução da Casa que há-de servir de ninho a muitos outros que não o têm — como eles não o tiveram noutro tempo.

Já que estamos em movimento familiar, dou também a notícia da vinda do Solano e família alargada a passar a tarde de domingo em nossa Casa do Gaiato, fazendo-se acompanhar de saboroso

almoço africano partilhado por todos nós.

O calor humano faz desenvolver a vida. E vida sem comunhão não tem sentido. Bem hajam estes filhos da Casa do Gaiato!

Presenças amigas

De Aires Abrantes recebemos um milhão de kwanzas e esta dedicatória: «Para que das ruínas nasça a esperança». Dos Amigos que estão em Portugal vão chegando notícias e um ou outro cheque. Fomos levantar tubos para a canalização, e acessórios, aos armazéns Jamba e não nos passaram factura. Agradei e retirei-me para deixar espaço livre para outra vez. M. Nunes de Freitas há muitos anos que entrou na história da Casa do Gaiato e continua fazendo preços mais baixos que não os da lei da

MALANJE

Cá dentro

Quem o vê, diz: «Que menino esperto!» E é.

Uma Irmã, lá numa sanzala distante, desatou-o dum poste onde os populares o amarraram com intenção de o queimarem. Roubo e feitiço...

Desde tenra idade especializou-se na arte de roubar. Astuto e ladino! O povo encheu-se e quis fazer a «sua» justiça.

A Irmã remeteu-o para nós sem mais «aquelas»... Só um bilhete: «Vai o fulano. Não tem qualquer documento e nem sequer é baptizado».

Embora não concordando com este modo de despacho, o pequeno ficou.

Pouco tempo depois tinha já a sua «banca» montada com lenços e meias que surripiava à senhora e vendia aos operários. Grande maroto!

É chamado a tribunal (o nosso tribunal caseiro)... Ele próprio diz que roubar é feio.

Deve ser, porém, mais forte do que ele.

Ontem, contou, com entusiasmo, que a vaca zebu teve uma vitelinha e lhe dera uma grande corrida. Isto num grande campo com árvores e o espelho de água da lagoa a piscar ao sol.

Talvez, sim, meu querido Alberto.

• Caíram as primeiras chuvas. Os Blimbans no seu canto impaciente e os Rabos de Junco com o revestimento de seus mantos nupciais já as tinham anunciado.

Os campos estão ficando verdes, as árvores revestidas de folhas e as lianzenes da mata carregadinhas de flores róseas.

Não sei, também, donde vieram tantas andorinhas! Alegres, no ar, piando e surpresas pela presença de crianças brinchalhonas no que antes era somente delas.

Quanta paz!

Que guerra?

Que lutas entre irmãos?

Porque nos matamos?!

Caminhos bem tortuosos!, talvez, por termos posto de lado os caminhos de Deus.

Também está fora destes caminhos a ambição desmedida que leva mesmo muitas nações «respeitáveis» a correr, pisando tudo, atrás do petróleo, diamantes e outras riquezas... Usando mesmo os «carimbos» da paz! Porém, tão longe...

Conservo na alma a visão dum homem com uma flor na lapela e dando fio ao seu papagaio de papel! E, bem viva, a imagem dos elefantes numa grande anhara!

Será esta a paz por que todos suspiramos? Ou devemos procurá-la — onde e como? Eis:

Põe Deus em primeiro.

Ama todos os Outros como a ti.

Honra teus pais e superiores.

Não mates.

Sê casto.

Não roubes.

Não faltes à verdade.

Não cobices o que é do outro.

É tudo, e só este o caminho da Paz.

Padre Telmo

selva que regula, agora, as trocas comerciais. Bem quis levantar óleo alimentar, para o estômago dos Pobres, na Casa Confiança, mas foi-me dito que não. Fiquei triste e ainda não pus lá os pés que o chão da loja não é seguro.

O sr. Albertino continua a olhar para a nossa horta como se fosse a sua. Se com ela temos cuidados, ele não os tem menos. Que seria de nós e dos duzentos a quem damos o pão? Ele não há insecticidas, nem herbicidas nem fungicidas... Só há lagartas nas couves, repolho, tronchuda e tomate... Fungos e capim. Pois este nosso Amigo vem com as máquinas, homens e medicamentos do seu pequeno stock cuidar das sementeiras que fez com o dinheiro do seu bolso. O reinício da nossa actividade está ligado a ele.

Rotaracts

Mais esta carta do Rotaract Club de Espinho. Peço licença para a transcrever e que me perdoem:

«Sou o Presidente do Rotaract Club de Espinho. A cidade de Espinho fica a 17 km do Porto. O Rotaract é um Club de jovens que se interessam em ajudar o Próximo.

Próximo não significa perto. Angola fica longe na distância, mas perto no nosso coração. E todas essas crianças, também.

Depois desta pequena introdução gostaria que o Padre Manuel António dissesse o que é mais necessário para continuar, aí, essa magnífica Obra. Este Club está em todo o mundo e nós podemos mobilizar muita gente e fundos! Não se esqueça de me escrever. De todo o meu coração gostaria de ajudá-lo com esses meninos e meninas de Angola.

O apoio financeiro é, em princípio, dos únicos que podemos dar, fazendo uma campanha a nível de todos os Clubs do Norte de Portugal. Sem mais, me despeço, esperando uma resposta breve. Um abraço amigo de M. A. B.»

Quanta alegria me deu esta carta! Por muitas razões, mas faço sobressair a universalidade do gesto do Miguel. Onde nos aparece uma necessidade mais, aí deve estar também o nosso esforço.

Um abraço para o Miguel e o seu Rotaract de Espinho.

Padre Manuel António

A fome no Mundo

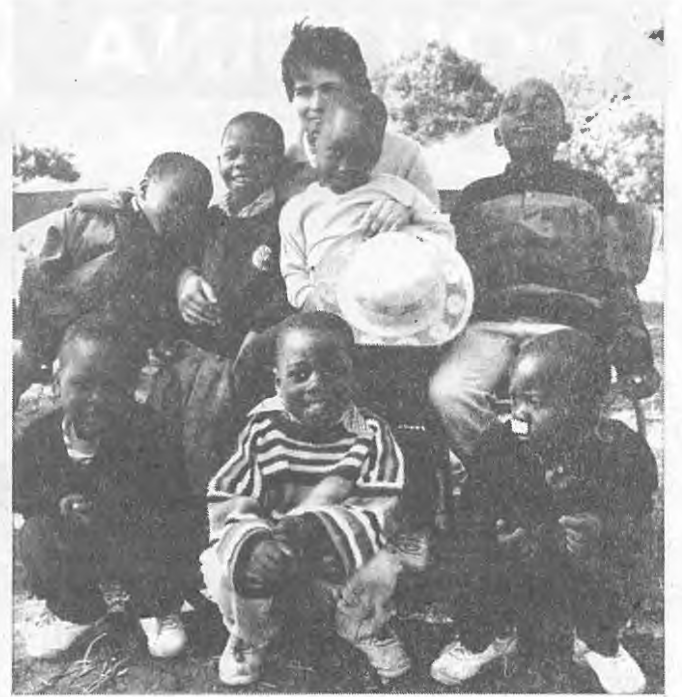
Continuação da página 1

Consolámo-nos a ver as fotografias dos gaiatos da nossa Casa de Maputo. Bem vestidos e calçados. Caras redondinhas e sorrisos nos lábios. Em contraste, vimos também grupos de crianças nuas, tristes, esfomeadas.

Recordando a bondade do Senhor — que se compadeceu do povo faminto — também cada um de nós tome consciência e saiba repartir. Há tanta abundância em muitas mesas, tanto pão que se estraga e tantos bens que se desperdiçam!...

Os bens que Deus criou e pôs nas mãos dos homens são para serem partilhados em pão para todos. Nenhum homem se pode julgar dono dos bens de Deus.

Padre Horácio



Maputo — O carinho da Mãe reflecte-se nos filhos!

O Calvário é um poiso para reflexão

Continuação da página 1

Alguém me telefona a marcar entrevista. Ele mesmo propõe dia e hora. Saber como é que isto funciona, é a razão primeira da sua deslocação. A meio da conversa, este senhor identifica-se como director de serviço num hospital central. Anda empenhado na criação de qualquer coisa que sirva de apoio e estímulo à inserção social dos epiléticos. Toda a gente tem uma Liga de Protecção, menos esta categoria de doentes. Mas este senhor vem aqui ganhar forças para a sua causa e parte mais convicto de que os epiléticos podem ser gente normal — se a sociedade lhes der oportunidades.

Cada um de nós encontra nestes doentes um acusador silencioso

Mas aqui não há nada de transcendente. Somente seres humanos muito frágeis, limitados, estropiados alguns, sem família, sem familiares, a viver na sua Casa por não terem outra, constituindo uma família que aquela onde nasceram se desfez ou nela não havia lugar para eles.

E é exactamente isto que provoca a reflexão. Cada um de nós poderia ser, ou pode vir a ser, um ser semelhante. Cada um de nós encontra nestes doentes um acusador silencioso. Alguns vêm a este mundo marcados pelo infortúnio. Outros nascem normais, em famílias bem constituídas e com posses. Mas as circunstâncias resultantes dum acidente, dum doença prolongada, dum abalo na estrutura do matrimónio tornam-os seres pesados, indesejáveis.

A vida hoje, com as facilidades que proporciona, não admite estorvos que embarcemos. As virtudes humanas, como a doação, o sacrifício, a paciência, não se cultivam. Ora estes doentes fazem reflectir em tudo isto.

S. João Baptista não foi o último dos profetas. Hoje,

seres incapacitados como estes são verdadeiros profetas; menores, é certo, mas profetas. Apontam o dedo para muitas das chagas do nosso tempo. Incomodam. Perturbam as consciências dos instalados.

O Calvário é, na verdade, um poiso para reflexão.

Padre Baptista

Carta dum jovem universitária

«Como a terra faz brotar as sementes, assim o Senhor fará brotar a justiça e a paz» — citação que serve d'epígrafe à missiva:

«Sou uma jovem estudante universitária que muito aprecia o Famoso. Transmite uma mensagem instrutiva, enriquecedora e de fácil compreensão para todas as pessoas. O Famoso desperta as consciências, por vezes adormecidas, perante a realidade do mundo.

Para mim, é um grito de alerta para que não nos deixemos cair na tentação de pensarmos só em nós, no nosso bem estar e na nossa posição social.

O Famoso faz-nos sentir o desejo e a necessidade de dar e de fazer algo pelos mais pobres e pelos que sofrem — para que a vida também sorria para eles.

Durante o ano consegui fazer algumas economias, quantia que gostaria fosse para ajudar o povo africano. É uma pequena oferta que envio com muita alegria e com a esperança de ter contribuído para mais alguns momentos de felicidade.

Que Deus vos ajude.

Uma amiga»

DOCTRINA



Quem dá o pão,
dá o pau.

- A grande obra desta semana, dentro da Obra da Rua, é informar os Amigos da Casa do Gaiato quais as normas de vida ali adoptadas e praticadas, porquanto certos senhores paizinhos, dando ouvidos a seus ricos meninos, têm espalhado o mal, cuidando que fazem bem. A casa tem o seu regulamento. Os pequenos levantam-se a hora determinada, em silêncio; guardam silêncio mitigado nas refeições e rigoroso repouso. Cada um tem sua obrigação tabelada nos trabalhos domésticos, finda a qual apresenta-se à regente que, por sua vez, se inteira da execução e, d'estarte, aprende a criança a fazer bem feito as coisas pequenas. Evidentemente que algumas vezes terá o catraio de desfazer o que tinha feito mal.
- O Carlitos levou mais de uma semana a fazer a cama bem feita e o mesmo se diz do Eduardo, o ex-vadio que nunca na sua vida tinha visto tal objecto; ora isto, como é natural, aborrece os rapazes. Todos os pequenos são avessos à educação, mormente os da Casa de Repouso, filhos da rua na sua maior parte. E daqui vem que um deles queixou-se ao senhor paizinho dos rigores do trabalho e este, acreditando no seu rico menino, foi buscá-lo com maneiras grosseiras e malcriadas. Certa classe de gente não tem educação, não a dá aos filhos nem consente que lha dêem. Estes filhos são amanhã inimigos dos pais, da ordem, das leis, da autoridade, dos homens, de Deus.
- Ninguém de bom senso e de boa fé acredita que na Casa de Repouso do Gaiato Pobre, fraquinhos e predispostos à tuberculose como todos são, se peça ou se permita aos rapazes trabalhos pesados; isso seria, a meus olhos, uma verdadeira monstruosidade. Porém, a obrigação caseira de cada um há-de ser feita por ele mesmo e bem feita, a menos que o garoto tenha a obrigação de estar na cama. Eu quero que o gaiato a meu cuidado se habitue a esta coisa simples e grandiosa — fazer a sua obrigação; e que, desde pequenino, comece a obrigá-lo a ela. Custa muito à criança, sim, obrigá-lo a pequenas tarefas; educar é justamente contrariar, modificar a vontade do educando. Custa muito, sim; mais custa ao que tem de obrigar — mas ele há alguma coisa de grande no mundo que se faça sem dor? É muito mais fácil deixar crescer tendências do que cortá-las.
- Ai de mim se aceitasse crianças na Casa de Repouso unicamente para lhes encher a barriga! Não teria coragem para caminhar nem autoridade para pedir; nem tu me darias da forma que dás. Não. O dar-lhes de comer é pretexto para educar; educação cívica, educação moral, educação religiosa. Há um segredo divino no meu palmilhar de cada dia, que me não deixa cair no chão: eu desejo encontrar na Eternidade, sentados à direita do Pai Celeste, todos aqueles garotos que me passam pela mão.
- E, assim, a falar português, fica o público esclarecido e o senhor paizinho avisado. De nada vale ao homem a farpela que ele traz (o paizinho foi buscar o rico menino de luvas!); o que vale são boas maneiras.
- A moeda que melhor corre no mundo é a ingratidão. Ninguém se admira nem desanima, que este mal é necessário para provar a virtude dos fortes no Senhor e está dentro da natureza das coisas. Dez foram os leprosos que o Mestre curou e apenas um foi agradecer; e este era um estrangeiro, como afirma o Evangelho. Tenho dito.

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

TRIBUNA DE COIMBRA

Quem assim reparte fica como o fermento no pão

Uma vez mais, um grande grupo de Amigos, de Castelo Branco, gente comprometida a sério na vida cristã, na sua maioria, vieram até nós carregados de mimos e de amizade fraterna: «Quem me dera estar mais perto...» — disse alguém.

Como é costume, não fazemos almoço. Trazem tudo, desde o conduto ricamente confeccionado às bebidas mais variadas, frutas e doces. Tudo do bom e do melhor. Há almoço e merenda e ainda sobra para dias seguidos.

Antes de tudo, porém, a Eucaristia. Ela, a pedra de toque deste somar e repartir. Nada de excurcionismos... É a Eucaristia que dá centralidade a estas visitas. A Palavra de Deus a iluminar e a nossa vida, contada com simplicidade, tocam e comprometem. Falo apaixonadamente do sinal de conversão que cada Casa do Gaiato deve ser para

a Igreja; do nosso sofrer e morrer pelo Rapaz e do que a Graça divina faz sem que o mereçamos.

No final, peço que tratem os meus como filhos; que se evite a compaixão fútil, ainda que bem intencionada. Imploro que seja mantido o respeito para com cada Rapaz, e digo que numa visita destas é bem mais o que se recebe que o que se dá. Os meus Amigos entendem. Depois, a lição da mesa. A alegria do repartir estampada nos olhos de todos. Que lindo discurso sobre a pobreza! É a Bíblia na página das Bem-aventuranças. Nada de especulativo nem assimétrico; tudo ao jeito de Jesus. O Evangelho vivo.

Não podiam ir embora sem as fotografias. Foram muitas. Os nossos mais pequeninos os mais captados pelo flash. Alguém perguntou sobre o Padre Américo. Não podia deixar de ser. Cá

dentro tudo fala dele e a respiração é a do seu viver. Veio o diaporama. A sua mensagem, o timbre da sua voz profética, o testemunho da sua vida, foi o compromisso.

Depois novamente às mesas: mais merenda, mais mimos, o calor da caridade. Preparávamos a despedida e eis a melhor surpresa: aparece à porta da sala de jantar o Senhor D. João, nosso Bispo. Foi o presente final que nos deu o Pai do Céu. A sua presença nesta Casa, que deve ser a sua mais querida, a sua palavra a comprová-lo; oportuna, incisiva e comprometedor: uma graça do Senhor.

Finalmente, nas minhas mãos, a colecta da Eucaristia: 400 contos.

Quem assim reparte nunca se despede. Fica connosco, como o fermento no pão. Graças a Deus!

Padre João

De pais a filhos de avós a netos

Permanece, na ordem do dia, a expansão d'O GAIATO entre familiares dos nossos leitores.

Lisboa: «Um artigo, n'O GAIATO, alertou não só para as minhas obrigações, mas, também, para a oportunidade de fazer com que a mensagem da Obra da Rua chegasse junto de meus filhos».

Assinante 25675: «Tive a grande felicidade de ser bisavó, no dia 23 de Outubro de 1978, aniversário do Padre Américo. (...) Gostaria imenso que o meu bisneto, no próximo mês de Outubro, pudesse receber o jornal». Seguiu na volta do correio.

Mais adiante, um leitor inscreve duas amigas e afirma, curiosamente: «Sugeri que tentassem arranjar mais assinaturas!»

Seria a nunca mais acabar, se revelássemos boa parte das expressivas citações que passam pelos nossos olhos pecadores. Eis outro amigo que tem «o prazer de propor mais um (neste caso uma) assinante». Agora, registamos a inscrição de duas comunidades religiosas, uma delas italiana, pela mão duma consagrada: «Fico grata pois o Famoso reflecte

Novos Assinantes

toda a Verdade do Evangelho e, por isso, gostaríamos que toda a gente o lesse». Muito bem!

Compromisso

Um jovem, d'Águeda: «Gostaria que aceitassem esta pequena oferta para a Obra da Rua. É uma vergonha, para mim, mandar tão pouco. Mas, sou estudante e ainda dependo de meus pais. Peço que me considerem assinante d'O GAIATO, com letras grandes. No entanto, comprometo-me a angariar mais assinantes». Para além de tudo, vale a pena sublinhar aquele «comprometo-me a angariar mais assinantes». Espalhe o Fogo que abraça a sua alma!

A peregrina, de Angeja, não pára de transmitir a mensagem d'O GAIATO por terras da região. Angaria dezenas e dezenas de novos assinantes! É um dom de Deus. E Ele reforça a singeleza da sua acção. Na última carta, acrescenta: «Junto um abraço de muito amor e carinho para todos. Sempre que possa, estarei convosco».

Retribuimos na mesma proporção.

Boas notícias da Beira

Unhais da Serra: «Aqui, distribuam o vosso jornal. Mas, agora, nunca mais não-lo mandaram! Por isso, resolvi inscrever estes dez

novos assinantes». Trabalho perfeito!

Chegam boas notícias daquelas localidades beirãs que os gaiatos, de Miranda do Corvo, deixaram de palmilhar, já referidas pelo nosso Padre Horácio. Especialmente de Leiria, Tomar e Figueira da Foz. Terá de ser necessário muito mais para cobrir o défice — em relação à distribuição avulsa. Porém, no decorrer do tempo, esperamos, não faltará quem peça a assinatura com fome d'O GAIATO.

Júlio Mendes

Notícias de paz

Continuação da página 1

beira. O passo ontem dado em Roma, se não vai produzir imediata e mirificamente efeitos de normalização da vida, abre, porém, um tempo de confiança indispensável ao esforço que a ela há-de conduzir.

Em Angola, depois da paz das armas, é urgente reconstruir a paz social, que requer a aceitação humilde de todas as partes da vontade expressa pelo seu Povo e a colaboração sincera e empenhada de todos na restauração de um País a que só falta o acerto dos homens para prosperar e alcançar a posição que merece no concerto das Nações. Temos rezado e rezaremos para que este acerto seja realidade desde já, o que reclama, repito, a humildade de todos, vencedores e vencidos; e a união de todos no grande amor ao seu Povo cujo bem-estar é a grande e única meta a alcançar quanto antes.

Este amor nos tem em Angola e Moçambique. Nele queremos estar presentes com a modéstia das nossas forças. E mais do que aquilo que formos capazes de fazer em obras materiais, está o vigor do Evangelho que é a nossa alma; a confiança exclusivamente posta no Senhor que é Pai de todos os homens; a nossa mira no pão de cada dia para todos, pão que há-de ser granjeado com o trabalho honesto e dedicado de cada um; a certeza de que o dinheiro que há-de ser preciso em números colossais, virá desde que posto no seu lugar de servo, requerido, a cada momento, pelo seu senhor, o homem que trabalha e crê primariamente na fecundidade dos talentos que Deus lhe deu postos a render.

Tal tem sido o testemunho da Obra da Rua, desde que Deus lhe deu o ser no coração sacerdotal de Pai Américo. E com que poder mobilizador, bendito seja Deus!

Padre Carlos

Crónica do Tojal

OBRAS — Parece já se ter tornado um vício, em nossa Casa: assim que acaba uma, começa outra. Tem dado mais dores de cabeça a da nova cozinha, copa e refeitório. As paredes, já levantadas, dão uma visão mais ampla da obra. Para a canalização aproveitamos os nossos serralheiros, uma maneira de eles porem em prática aquilo que aprenderam. Outra forma de se economizar, é aproveitarmos o Luís para fazer a parte eléctrica.

CASAMENTO — Alguns rapazes têm dado nó. Agora, foi a vez do Manuel Viseu, praticamente criado em nossa Casa desde pequeno. Aqui cresceu e aprendeu. Um dos seus trabalhos

foi na oficina de carpintaria. Sempre teve jeito para o sector e é o seu ganha pão desde que safu. A partir de agora, construa a sua própria família e seja feliz na companhia da esposa. Para o casal, os nossos parabéns.

OFERTAS — Com o Inverno a chegar, o grande problema são os guarda-chuvas para os estudantes!

De vez em quando, há amigos que oferecem alguns. Obrigado pela lembrança. Mas, se houver por aí mais que não façam falta... já sabem.

FUTEBOL — Começámos uma nova época. Não tem sido má: um empate, uma derrota e duas vitórias. Temos outra equipa técnica. E, para breve, esperamos a visita de antigos companheiros. Também outros, interessados em defrontar a nossa equipa.

Luís Miguel Fontes



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239